

FEBRE HARRY POTTER: UMA REVISÃO SOBRE OS CÂ- NONES DO FUTURO

Roberto Rodrigues Campos¹

Resumo: Este trabalho pretende favorecer a discussão sobre o "ideal" de clássico a partir do leitor, tendo em vista a recepção de literaturas de entretenimento, como a série Harry Potter, que se configura como fenômeno literário e cultural, bem como confrontar este tipo de estrutura literária com a produção maciça do estereótipo existente de cânone literário, reavaliando a recepção da série Harry Potter, num momento em que o processo canônico-literário assume um perfil dialético, frente ao consumo ávido de uma literatura de entretenimento.

Palavras-chave: Cânone Literário. Leitor. Harry Potter.

HARRY POTTER FEVER: A REVIEW ABOUT THE FUTURE CANONS

Abstract: This work intends to encourage the discussion about the "ideal" patterns of a classic work from the reader view, considering the reception of entertainment literatures, such as the Harry Potter series, which constitutes a literary and cultural phenomenon, as well as confronting this kind of literary structure with the massive production of the existing stereotype of the literary canon, reevaluating the reception of the Harry Potter series at a time when the literary-canonical process becomes dialectical, before the avid consumption of entertainment literatures.

Keywords: Literary Canon. Reader. Harry Potter.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus I, Salvador-BA. E-mail: betinho40@hotmail.com

Desde a publicação do primeiro volume da série, “Harry Potter e a Pedra Filosofal” (1997), a obra de Joanne Kathleen Rowling já vendeu milhões de cópias por todo o mundo, sendo aclamada por uma multidão de leitores fiéis a qualquer material cujo tema seja Harry Potter. A crítica literária já vem apreciando textos como os de Rowling, do ponto de vista da produção do fenômeno literário, baseado no objeto e não no assunto. Grande exemplo disso é Ana Cláudia Pelisoli, que desenvolveu um projeto de doutorado cujo tema é Harry Potter. Nesse projeto, intitulado “Harry Potter: um chamado ao leitor”, a autora não analisa o conteúdo da série, mas a recepção que a mesma teve entre os jovens, bem como suas produções textuais relacionadas ao texto original de Rowling.

Após a constatação do surgimento de um novo modelo de produção literária circulando pelo mundo, a literatura de entretenimento, que é estimulada tanto pela temática do texto quanto pelo desejo de acompanhar a narrativa, fica evidente reconhecer que os leitores contemporâneos estão provocando interesse nos críticos literários e influenciando suas avaliações. Desta forma, propõe-se fazer aqui uma análise da recepção da série “Harry Potter”, cuja configuração peculiar tem quebrado certos paradigmas da literatura tradicional, na tentativa de averiguar se a literatura de entretenimento pode formar os clássicos do futuro.

Inserir uma obra no cânone literário significa incluí-la num grupo de obras literárias respeitosamente estudadas, cuja eleição é feita por aqueles que se dedicam ao estudo da literatura. Esses estudiosos atestarão se uma obra é boa ou não, de maneira incontestável, para a maioria dos grupos literários. Contudo, a leitura de clássicos literários vem cedendo espaço para as literaturas de entretenimento, e, entendendo que o foco principal da literatura é o leitor, objetiva-se neste trabalho propor um estudo dos critérios que estabelecem os clássicos e a formação do cânone, discutindo

a ideia de literatura de entretenimento e a provável inserção da série Harry Potter em uma futura organização do cânone.

CrITÉRIOS DE VALORAÇÃO: ONDE ENTRA O LEITOR?

Algumas obras literárias destacam-se de todas as outras, tornando-se assim base para as produções posteriores e marcando, de certa forma, a história da literatura. Para Antoine Compagnon, os critérios de julgamento literário variam com o tempo e com os interesses de um determinado momento.

A avaliação dos textos literários (sua comparação, sua classificação, sua hierarquização) deve ser diferenciada do valor da literatura em si mesmo. Mas é claro que os dois problemas não são independentes: um mesmo critério de valor (por exemplo, o estranhamento, ou a complexidade, ou a obscuridade, ou a pureza) preside, em geral, a distinção entre textos literários e não literários, e a classificação dos textos literários entre si (COMPAGNON, 2003, p.227).

Nota-se que, para Compagnon, a comparação dos textos literários pode partir da concepção de princípios de organização textual. Desta forma, pode-se diferenciar o que é literário ou não, e, no caso de o texto ser considerado literário, verificar se este tem valor menor ou maior do que o de outras obras da mesma categoria. Nesse sentido, Compagnon sugere que uma obra pode ser mais literária do que outra por aparentar ser apenas mais sofisticada, mais complexa ou mais reflexiva. Na perspectiva de Jorge Luis Borges:

Se um poema foi escrito por um grande poeta ou não, isso só importa aos historiadores da literatura. Suponhamos, só para argumentar, que eu tenha escrito um belo verso; tomemos como uma hipótese de trabalho. Uma vez escrito, esse verso não me serve mais, porque, como já disse, esse verso veio do Espíri-

to Santo, do subconsciente, ou talvez de algum outro escritor. Muitas vezes descubro que estou apenas citando algo que li tempos atrás, e isso se torna uma redescoberta. Melhor seria, talvez, que os poetas fossem anônimos (BORGES, 2000, p.24).

Harry Potter é uma obra em série escrita por J.K. Rowling no final século XX, e tem angariado milhões de leitores por todo o mundo. Dentro da teoria literária, há uma corrente dedicada ao estudo da recepção de uma obra ao longo dos tempos, avaliando textos literários com especial atenção a seus leitores, justamente por entender que os contextos anteriores não favoreciam a apreciação dos expectadores por uma determinada obra. Essa corrente é conhecida como Estética da Recepção.

A Estética da Recepção surgiu depois das correntes Marxista e Formalista, propondo desconstruir a abordagem de uma obra literária centrada em seu contexto de produção ou em seus aspectos textuais, tal como sugere o próprio Jauss. Para ele, "ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa". (JAUSS, 1994, p.24)

De acordo com a proposta de Jauss, o leitor guia a interpretação de textos, conforme atesta Luiza Lobo (1988, p.115), ao ressaltar que o teórico propõe "a análise da experiência do leitor ou da sociedade de leitores de um tempo histórico determinado." Segundo a pesquisadora, após analisar esta proposta de Jauss, torna-se perceptível "a grande amplitude da teoria, que abarca a análise sociológica, histórica, psicanalítica e hermenêutica, não só do texto literário, como também da sua relação com o leitor" (LOBO, 1988, p.115).

Isso significa que a interpretação e os modos de produção de textos cedem lugar aos modos de leituras de leitores

de várias épocas. Assim sendo, o leitor torna-se o foco para os estudos da interpretação da obra.

A Estética da Recepção também se preocupa com essa investigação dos processos de leitura de uma obra no tempo, ou seja, com as diferentes formas que cada época lê uma obra, e também com as diferentes formas que cada nação foi capaz de ler uma determinada obra, quando traduzida.

Jauss (1994), fundamentado nos estudos do leitor, problematizou a formação do cânone literário: para ele, o cânone literário — grupo de obras consideradas mais importantes de um determinado período de tempo ou lugar — deve ser definido também de acordo com o público-leitor, e não mais somente a crítica literária; analisar-se-á, portanto, um texto literário a partir do valor atribuído pelo público. A Estética da Recepção quer mostrar que a teoria literária recebe influência externa, e que isso deve ser levado em conta ao se estabelecer critérios de valoração literária.

Fenômeno Harry Potter: revisão sobre os cânones do futuro

A série de aventuras Harry Potter, a cada ano que passa, desde a publicação do seu primeiro volume, Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997), atrai mais e mais leitores por todo o mundo. A exemplo de J.K. Rowling, encontramos ultimamente uma gama de autores de entretenimento cujos livros vêm contemplando vendas expressivas: Stephenie Meyer, da saga Crepúsculo; Rick Riordan, da série Percy Jackson e os Olimpianos; Stephen King e suas obras de terror, entre outros. Vale ressaltar que essa cultura de leitura de *best-sellers* não se resume a obras estrangeiras. No Brasil, destacam-se Paulo Coelho, Felipe Pena, André Vianco, Pedro Drummond, Luis Eduardo Matta, Thomaz Adour, entre outros.

Em virtude do estrondoso sucesso, essas narrativas costumam ser alvos preconceito por parte dos estudiosos tradicionalistas da literatura, que, assegurados pela concepção de Indústria Cultural de Theodor Adorno (2002), afirmam que as mesmas não passam de “fábrica de dinheiro”, e que, por isso, estão longe de ocupar um lugar no cânone literário ocidental.

Para Ana Maria Machado, escritora infanto-juvenil de linha mais conservadora, Harry Potter é uma prova de que a juventude da era “internet” realmente não se interessa por literatura, já que não considera a obra de Rowling como literatura. Na visão de Machado (2002), Harry Potter não passa de um fruto da cultura de massa, conforme ilustrado pelas palavras de André Miranda:

— Nunca existiu um fenômeno tão forte como o de “Harry Potter. Ele surfou na mesma onda literária do Tolkien, mas depois o ultrapassou — afirma a escritora Ana Maria Machado, vencedora em 2000 do prêmio Hans Christian Andersen, o Nobel da literatura infanto-juvenil. — Havia uma sede de ler por parte dos adolescentes que a indústria editorial não tinha percebido. “Harry Potter” provou que eles lêem bastante. Mas é importante diferenciar: estamos falando de um fenômeno de massa, e não de um fenômeno literário (MIRANDA, 2011).

Já Isabelle Cani refere-se a Rowling como uma autora inteligente, e interpreta as palavras da Prof^a. Minerva McGonagall — “Vão escrever livros sobre ele. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele”² — como a predição de um sucesso mercadológico:

² Frase proferida pela Professora Minerva McGonagall, vice-diretora da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, respectivamente personagem e instituição, ou seja, ícones fictícios da série Harry Potter. In: ROWLING, J. K. Harry Potter e a Pedra Filosofal. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.17.

Há ali uma espécie de aposta sobre o futuro: ela espera, ela quer acreditar que essas frases se tornarão realidade, que seu Harry Potter encontrará o sucesso com o qual ela sonha, especialmente junto a “todas as crianças no nosso mundo” (CANI, 2008, p.12).

Cani deixa claro que Rowling escrevera as palavras da Prof^a. McGonagall antes do sucesso que a série adquirira, visto que tais palavras aparecem no primeiro capítulo do Volume I:

De fato, escrevem-se livros sobre ele, e agora todas as crianças conhecem seu nome, não somente dentro do mundo dos bruxos do qual fala Minerva McGonagall, mas também no mundo ocidental como um todo. E, no entanto, quando J.K. Rowling escreveu essas frases, ela ainda não havia publicado nada, ninguém ouvira falar dela nem de seu jovem herói; como todos os autores iniciantes, ela não tinha nem mesmo certeza de que iria encontrar um editor para seu primeiro romance (CANI, 2008, p.12).

Além disso, Cani (2008, p.12) ainda afirma que “existe um presságio, uma consciência aguda de uma potencialidade de sucesso fenomenal, mesmo que nada possa ainda confirmar sua intuição”. E seguramente conclui: “Então o sucesso esperado e programado acontece” (CANI, 2008, p.12). Ao que parece, a “conclusão” de Cani foi correta quanto ao sucesso de Rowling. E, para muitos, trata-se de um êxito merecido, tal como sugere Pedro Bandeira:

Muita gente há de atribuir o megassucesso de Harry Potter à moda do esoterismo e da magia que assola o mundo literário, mas o segredodesse gol de placa é o profundo conhecimento que a autora possui da psicologia das crianças a quem pretende agradar: a faixa entre os 9 e os 12 anos. [...] Joanne Rowling sabe o

que pensam, imaginam e sonham esses pré-adolescentes e lhes oferece um prato cheio de modelos com os quais eles podem se identificar. [...] O livro merece o sucesso mundial que obteve. Não será diferente no Brasil. Nós, autores brasileiros de literatura para jovens, devemos dar a mão à palmatória: a senhora Rowling conhece o caminho das pedras (BANDEIRA, 2000).

Pondo em questão somente o último título da série, Harry Potter e as Relíquias da Morte (2007), nota-se que:

As edições originais de "Harry Potter e as Relíquias da Morte", sétimo e último livro da saga de J.K. Rowling, chegaram a ocupar os primeiros lugares até mesmo das listas de best-sellers do Brasil, quando foram lançadas em julho. Recém-publicadas, as traduções alemã e francesa já estão entre os livros mais vendidos por lá. E a edição brasileira, que chega nesta noite às livrarias, não deve tardar para realizar o feito. A tiragem inicial da editora Rocco já é um indício: 400 mil cópias do livro estão sendo distribuídas, 50 mil a mais do que o título anterior, "Harry Potter e o Enigma do Príncipe", de 2005. [...] O fenômeno tem números realmente expressivos: a série já vendeu 325 milhões de exemplares no mundo, sendo traduzida em 64 línguas. Lançado no dia 21/7, "Harry Potter e as Relíquias da Morte" vendeu 8,3 milhões de cópias em um dia, só nos EUA (VELLOSO, 2011).

O leque de sucessos de Joanne Rowling se abre. Em 1998, Harry Potter agrada aos olhos dos estúdios Warner Bros, e a empresa cinematográfica compra o direito de adaptação da série para o cinema. O fenômeno chega aos telões em 2001, em meio a alvoroços e histerias, movimentando uma enorme quantia em dinheiro:

Alvoroço no mundo dos trouxas. A agitação planetária indica que algo extraordinário está prestes a acontecer. Quatro anos e 100 milhões de exemplares de-

pois do lançamento do primeiro livro da série estrelada pelo garoto órfão que descobre ser bruxo, o jovem herói chega às telas do cinema. [...] O desembarque de Harry Potter e a Pedra Filosofal nos países de língua inglesa está previsto para 16 de novembro. No Brasil, a data marcada é 23. [...] No fim de semana de estréia, será exibido em 4 mil salas nos Estados Unidos, a maior marca da história do país. Na Inglaterra, meio milhão de ingressos já foram vendidos com antecedência para espectadores mais ansiosos. [...] A Warner Bros. do Brasil não revela valores, mas confirma que esse é o maior investimento no país desde 1929. [...] A produção do longa custou US\$ 125 milhões e está dando lucro antes mesmo de chegar às telas. As ofertas de canais de TV pelos direitos de exibição alcançaram os US\$ 160 milhões. A Coca-Cola desembolsou US\$ 150 milhões num contrato que permite associar o garoto ao refrigerante (VELLOSO, 2011).

A Warner contou, inclusive, com grandes maestros para compor as trilhas sonoras dos filmes de Potter. Contudo, Harry Potter não ficaria somente entre livros e filmes: deu origem a DVDs, fantasias, games, revistas em quadrinhos, e até a uma versão erótica; inspirou o surgimento de *fanfics*³ e vídeos caseiros, bem como tentativas frustradas de imitar a série por parte de bandas de rock. Harry já foi comparado a Percy Jackson⁴, e já foi objeto de polêmicas relacionadas a suspeitas de plágio e perseguições religiosas. E o mais surpreendente: conseguiu tornar-se o rival de Mickey Mouse, com a inauguração do parque temático *The Wizarding World of Harry Potter*, também na cidade de Orlando, nos Estados Unidos.

³ Forma abreviada da expressão *fanatic fiction*, ou *fan fiction*, cuja tradução significa “ficção de fã”, ou seja, narrativas ficcionais produzidas por fãs.

⁴ Protagonista da série de narrativas Percy Jackson e os Olimpianos, de Rick Riordan.

Muito se tem discutido sobre o fato de que, na era digital, o entretenimento oriundo da internet e dos jogos eletrônicos afasta crianças e adolescentes do mundo dos livros. A esse respeito, Isabelle Smadja e Pierre Bruno afirmam:

“Não lêem mais!” Pior: “Não sabem mais ler!” Crise da cultura escrita diante da hegemonia dos meios de comunicação audiovisuais, retorno forte do analfabetismo... Os discursos iam rápido, deplorando a falta de gosto pela leitura por parte das jovens gerações. Eis que um livro veio desafiar as previsões pessimistas (SMADJA; BRUNO, 2009, p.9).

Isabelle Smadja e Pierre Bruno continuam seu discurso, atribuindo à obra de Rowling a responsabilidade de quebrar essa ideia do afastamento dos livros por parte dos jovens:

Eis que um livro veio desafiar as previsões pessimistas. Harry Potter, antes de ser fenômeno editorial, foi primeiro o romance que criou a surpresa suscitando o questionamento. Afinal, que livro é esse, perguntavam-se as pessoas, que tem a virtude mágica de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura? [...] Enquanto os grandes grupos editoriais multiplicam produtos cada vez mais bem formatados, de sucesso incerto ou fácil, o triunfo público dessa criação individual, uma obra marginal em sua origem, exige que nos interroguemos sobre as razões dos sucessos literários (SMADJA; BRUNO, 2009, p.9-10).

Eles questionam o porquê de tanto sucesso, e dão a entender que é necessário estudar a recepção que o público ofereceu à série Harry Potter. Se os Estudos Culturais propõem-se, também, a estudar uma literatura menor, então devem propor-se a estudar Harry Potter como um fenômeno literário.

J.K. Rowling recebeu diversos prêmios pelos seus livros, dentre os quais destacam-se o *Nestlé Smarties Book Prize Gold Medal* — conquistado por três vezes consecutivas,

isto porque a autora desistiu de continuar a se candidatar — e o Prêmio Príncipe de Astúria da Concórdia “por ter ajudado crianças de todas as raças e culturas a descobrirem o prazer da leitura, [...] a encontrarem nas fascinantes aventuras de Harry Potter um estímulo à imaginação e criatividade, [...] a identificarem valores essenciais tais como a diferença entre certo e errado, a importância da cooperação e da solidariedade para superar os problemas da vida, enfim, ideias que encorajam e possibilitam o entendimento e a concórdia entre os seres humanos”⁵.

O fato incontestável é que, de forma premeditada ou não, Harry Potter tornou-se um *best-seller*, um fenômeno de vendas, no Brasil e no mundo. Por esta razão é que muitos ainda se perguntam se Harry Potter é, ou virá a ser um dia, um clássico da literatura universal. Ana Cláudia Pelisoli discute a possibilidade de a Academia e a Escola reverem a questão da inserção exclusiva de obras canônicas na vida dos estudantes. Para ela, a dúvida entre oferecer, exigir ou ignorar os clássicos na escola atormenta muitos educadores, quando o foco converge para a formação de leitores e o estímulo à leitura. Pelisoli argumenta que

[...] para alguns estudiosos, o clássico é aquela obra que ultrapassa fronteiras: se interessa e agrada a leitores entre oito e oitenta anos, ultrapassa a fronteira da idade; se é traduzido em vários idiomas e lido em várias partes do mundo, conquistando pessoas de costumes e culturas heterogêneos, ultrapassa a fron-

⁵ Tradução minha do recorte “for having helped children of all races and cultures to discover the joy of reading, [...]to find in Harry Potter's fascinating adventures a stimulus for imagination and creativity, [...]to identify essential values such as the difference between right and wrong, the importance of cooperation and solidarity to overcome life's problems, in short, ideas which encourage and make understanding and concord between human beings possible”. Disponível em: <http://staugustine.com/stories/091103/com_1796005.shtml>. Acesso em 30 ago. 2011.

teira do espaço; se o livro, escrito e lido por gerações passadas, ainda é capaz de fazer surtir no leitor aquela fruição de que falava Barthes, permanecendo atual e ainda conquistando leitores, ultrapassa a fronteira do tempo. Esses seriam os clássicos. Ou ainda aquelas obras que são freqüentemente citadas por outros autores [...] (PELISOLI, 2006, p.17).

Tomando esses conceitos como “absolutos”, Harry Potter pode, sim, ser visto como um clássico. A obra-prima de Joanne Kathleen Rowling já ultrapassou quase todas as fronteiras do discurso de Pelisoli, quais sejam:

a) A da idade:

Deve-se [...] pensá-lo em termos de gerações: a maioria dos leitores de Rowling tem aproximadamente entre 7 e 40 anos, como se a partir dessa obra de literatura juvenil se pudesse estender até o limite extremo o sentido da palavra “juvenil”, para nela se segurar até a idade madura. Para além dos 40 anos, os leitores de Rowling são mais raros: especialmente ecléticos ou especialmente atentos ao mundo das crianças ou dos adolescentes (CANI, 2008, p.13).

b) A do espaço:

O mundo dos livros infantis jamais conheceu um terremoto como Harry Potter. [...] Crianças do mundo inteiro escreveram as cartas. Há jovens fãs de Harry Potter dos Estados Unidos, da Inglaterra, das Filipinas, da África do Sul, da Estônia, da Holanda — de todos os continentes (ADLER, 2007, p.-IX-).

c) A do tempo:

Harry Potter, a série de Rowling, já ultrapassou algumas fronteiras: suas narrativas conquistaram leitores de várias idades, foram traduzidas em 62 idiomas, publicadas e reeditadas em vários países e já venderam mais do que qualquer clássico da literatura. São campeãs de referência nos websites de busca na in-

ternet e citadas nas mais diversas mídias: desenhos animados, histórias em quadrinhos, filmes, músicas, livros. Nesse sentido, já entrou para a História da Literatura Infanto-Juvenil. Resta-nos aguardar a passagem do tempo e a inconstância da memória humana (PELISOLI, 2006, p.18).

Pelisoli cita, ainda, que um clássico deve ser referência de estudos para outros autores. Reforçando esta afirmação, eis que surgem os nomes de Stephen Brown, Isabelle Smadja, Pierre Bruno, Isabelle Cani, Tom Morris, Gina Burkart, Connie Neal, etc., bem como graduandos, mestrandos e doutorandos que utilizam Harry Potter como objeto de suas pesquisas e teses.

Para Calvino (2007), os clássicos trazem em si sinais de leituras anteriores. Segundo Joana Monteleone e Haroldo Ceravolo Sereza:

J.K. Rowling nunca negou que bebeu em várias fontes para criar a série do menino bruxo Harry Potter. Assídua leitora e de gosto eclético, ela tem alguns, ela tem alguns escritores britânicos favoritos, como Clive Staples Lewis (1898-1963), autor das Crônicas de Narnia [...]; Elizabeth Goudge (1900-1984), apontada pela própria J.K. Rowling como a autora que mais influência teve na criação de Harry Potter; e Louise May Alcott (1832-1888), autora de *Mulherzinhas*, um clássico da língua inglesa. Há muita especulação também sobre a influência do sul-africano John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), que escreveu a trilogia *O Senhor dos Anéis*, na obra de J.K. Rowling. [...] Mas, [...] os contos de fadas estão em primeiro lugar. Elementos de Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e Pequeno Polegar aparecem em momentos distintos da história e dão às crianças uma confortável sensação de reconhecimento ao ler a história de Harry Potter (MONTELEONE; SEREZA, 2004).

Descrito por Compagnon (2003), Sainte-Beuve considera que um clássico enriquece o espírito humano, aumenta seu tesouro, faz o leitor descobrir uma verdade moral não equívoca, dialogando com os mesmos em estilo próprio e contemporâneo. Tom Morris, em um relato, ressalta que a autora de Harry Potter não passa de uma “excelente empresária e uma filósofa de vida do tipo bem prático”. Morris admite:

Suas histórias podem nos instruir nos empreendimentos mais comuns que todos nós enfrentamos. [...] Quando, pela primeira vez, comecei a ler as histórias de Potter e fiquei completamente imerso em sua magia, peguei-me um dia falando para centenas de profissionais de marketing sobre o tema do sucesso. No meio da apresentação, espontaneamente afastei-me das anotações que havia preparado e comecei a falar sobre como Harry Potter lida com situações de grande desafio e tremendo perigo. [...] Eles se divertiram a valer com o fato de estarem falando seriamente sobre Harry, e todos rabiscaram às pressas mais anotações sobre os métodos sábios do bruxo do que tinham feito quando falamos de Platão e Aristóteles. Esta foi a primeira vez que eu soube que havia algo nas histórias de Potter que ressoava profundamente em todos nós [...] (MORRIS, 2006, 11-12).

Para Borges (1974), os clássicos são lidos com prévio fervor e misteriosa alidade. Ana Cláudia Pelisoli, em sua pesquisa, relata que

as narrativas de Rowling agradam a leitores heterogêneos — idades, classes, gostos distintos; a ansiedade com que os leitores aguardam o lançamento e a avidez com que realizam a leitura — uma corrida frenética para chegar primeiro ao final e descobrir os mistérios para os quais ninguém se cansa de criar suposições; a rede de informações — os leitores trocam interpretações entre eles, procurando saber se algum

detalhe da história lhes passou despercebido, ou se realmente conseguiram fazer todas as conexões. Além disso, não satisfeitos com a leitura da última página, seus leitores relêem os textos anteriores, buscam informações na Internet e em outras mídias, ou até mesmo em outros livros que falam da série, como os publicados pela autora, que imitam os manuais escolares utilizados pela personagem principal, Harry (PELISOLI, 2006, p.26-27).

Para Jauss (1994), o cânone literário se define de acordo com os processos de leitura que o público-leitor daquela nação foi capaz de fazer. A experiência vivida por Bill Adler mostra que, segundo Jauss, Harry Potter também é um clássico:

Ao compilar as cartas [...], descobri que não apenas havia um enorme interesse nas histórias de J.K. Rowling, mas que Harry Potter levava as crianças a ler mais do que nunca. Tive a oportunidade maravilhosa de conversar com muitas crianças e de entrevistá-las para o livro e, de forma quase unânime, esses pequenos leitores me disseram que ler Harry Potter havia aguçado seu apetite pela leitura. O que essa obra fez foi ajudar a criar uma nova geração de leitores que irão valorizar a leitura pelo resto da vida (ADLER, 2007, p.-IX-).

Existe, sim, uma política de exclusão para a eleição dos candidatos ao posto de cânone literário, a qual se associa à própria palavra "cânone". Oriunda do grego *Kánon* e do latim *cânon*, o termo tem por significado "regra, preceito, referente à fé, à disciplina religiosa"⁶. As narrativas de Harry Potter receberam críticas religiosas diversas, uma vez que alude ao ocultismo. Essa fronteira religiosa para o estabelecimento do que é clássico ou não incluiria Harry Potter nos primeiros

⁶ Significados para o verbete "cânone". FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Mini Aurélio Eletrônico. Rio de Janeiro: Positivo, 2007.

lugares da lista dos livros impossíveis de receber tal qualidade. Entretanto, Connie Neal faz uma análise dos livros de Rowling, no âmbito espiritual. Ela usa, por exemplo, as palavras do Prof. Dumbledore, contidas no primeiro livro:

— Um amor forte como o de sua mãe por você deixa uma marca própria. Não é uma cicatriz, não é um sinal visível... ter sido amado tão profundamente, mesmo que a pessoa que nos amou já tenha morrido nos confere uma proteção eterna (NEAL, 2007, p.77)⁷.

E faz uma análise bíblica de tal passagem:

Como o ato de amor auto-sacrificante de Lílian Potter o salvou do feitiço da morte e fez com que o malvado não pudesse tocá-lo, a Bíblia diz que aqueles que nascem de Deus através da fé na morte auto-sacrificante de Cristo têm uma proteção especial. A verdade de que “o mundo todo está sob o poder do Maligno” não nega isso. A Bíblia promete àqueles que nascem de Deus que “aquele que nasceu de Deus o protege, e o Maligno não o atinge” (1 João 5:19). No entanto, também reconhece que nós vivemos em um mundo dominado pelo mal. A mesma passagem diz, adiante, que “Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno” (1 João5:19). A proteção de Harry contra seu inimigo do mal, recebida como resultado do amor de sua mãe, pode nos lembrar da proteção que Deus oferece a seus filhos em um mundo onde nós também estamos sob o ataque de nosso inimigo maligno (NEAL, 2007, p.77).

Desta forma, a obra de Joanne Rowling é capaz de ultrapassar a fronteira religiosa, conforme demonstra Connie

⁷ Na batalha final do primeiro livro — Harry Potter e a Pedra Filosofal (2000) —, Harry questiona o sábio Prof. Dumbledore sobre o porquê de o Prof. Quirrel, possuído pelo malvado Lorde Voldemort, não ter conseguido tocá-lo. ROWLING, 2000, p. 255, apud. NEAL, Coni. Os segredos espirituais de Harry Potter: as lições de vida da série de maior sucesso do mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p. 77.

Neal em seu livro, através do exercício da Literatura Comparada. Nesse sentido, Harry Potter, por conseguinte, se enquadra perfeitamente dentro dos preceitos canônicos, e pode, certamente, ser considerado um clássico, para não dizer o maior clássico dos últimos tempos.

Considerações finais

Fenômeno, febre, mania: esses são os principais termos utilizados para qualificar a série de aventuras Harry Potter, da autora escocesa Joanne Kathleen Rowling — aclamada por muitos, detratada por outros. Harry Potter tornou-se a obra de maior sucesso, tanto em leituras quanto em vendas; tanto em livros quanto em filmes e outros produtos relacionados. Cânone Capitalista? Sim. Cânone Literário? Também! — visto que cada pessoa, pelo critério do gosto, possui seu próprio cânone literário, e Harry Potter, diga-se de passagem, angariou inúmeros leitores, de todas as idades, nos quatro cantos do mundo.

O que se tentou no presente artigo foi levantar possíveis confirmações de que a obra de Rowling é um clássico do futuro, com base na compilação de conceitos oriundos de diversos teóricos, adeptos de diferentes correntes literárias. Não se pretendeu, entretanto, uma busca de leitores ou legitimação de Harry Potter. É necessário buscar, primeiramente, um espaço na cena literária, um espaço investido de valor estético. Não foi proposto, tampouco, qualquer tipo de ruptura; mas foi proposta, sim, a abertura de uma concepção a mais, preservando e respeitando concepções já existentes; o cânone literário, formado por uma literatura experimental, tem sua importância, tendo em vista que, se não houvesse o experimentalismo, os indivíduos não evoluiriam.

Os clássicos literários existentes não devem ser deixados de lado. Eles existem, e é papel do professor, enquanto pesquisador e formador de opinião, apresentá-los aos jovens

leitores. Recomenda-se, no entanto, uma revisão da questão sobre o que é literário, um reconhecimento de que a literatura de entretenimento tem seu valor, e que deve ser estudada. Afinal, um dia — por que não? —, ela poderá vir a ser a marca de um novo momento literário pós-moderno. Para tanto, basta que os críticos literários —detentores do poder de valoração e legitimação de determinada obra — comecem a trabalhar em prol de tal possibilidade.

Pesquisas no sentido de se apurar se há um novo momento artístico-literário em formação mostram-se relevantes, uma vez que favorecem a discussão sobre o “ideal” de clássico a partir do leitor, tendo em vista a grande recepção de literaturas de entretenimento, como a série Harry Potter, que se configura como fenômeno literário e cultural.

Uma análise sobre essa série de narrativas, esse tipo de estrutura literária, em confronto com a produção maciça do estereótipo do cânone literário, é capaz de reavaliar a recepção da série Harry Potter, num momento em que o processo canônico-literário se torna dialético, frente ao consumo ávido da literatura de entretenimento.

Dentro de tal contexto, torna-se necessário estudar as funções da Crítica Literária e dos critérios de estabelecimento de um juízo de valor sobre determinada obra, procurando possíveis respostas para levantar definições do que seja um clássico literário, sem desprezar a importância do leitor na valoração de uma obra, e apresentar, por fim, a série Harry Potter como objeto de estudo, verificando se seu sucesso de vendas caracteriza-o como subliteratura ou se a obra se insere dentro de um possível período literário contemporâneo inovador, marcado pela produção de literatura de entretenimento e popularização da arte literária. Ao crítico literário contemporâneo competiria: elaborar um levantamento teórico consistente, além de buscar os leitores fiéis, de modo a comprovar a recepção peculiar das obras de entretenimento,

caracterizando um novo tipo de autor, um novo tipo de obra, um novo tipo de leitor.

Vale lembrar que a peça mais importante para o sucesso de Harry Potter é a mesma para a existência da valoração literária de Jauss: o leitor. Para haver uma literatura, uma arte, deve haver primeiro um autor, um artista, visto que é este quem confere vida à obra de arte. Todavia, devemos lembrar que esse autor/artista, antes de tudo, é também um leitor, um leitor de mundo. São suas experiências que estabelecem fundamentos para a produção de sua obra-prima. Se Harry é um sucesso, isso Rowling deve à sua recepção, ou seja, ao seu público-leitor. Resta, por ora, esperar que Harry Potter, bem como as sagas Crepúsculo e Percy Jackson, enfim, os *best-sellers* de entretenimento, componham os clássicos do futuro.

Referências

ADLER, Bill. *Cartas ao Harry Potter: crianças do mundo todo escreveram ao bruxo*. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2007.

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BANDEIRA, Pedro. Um gol de placa da ficção infantil. In: _____ GRAIEB, Carlos. *A mágica de atrair leitores*. Veja online, Londres, 1644 ed., 12 abr. 2000 Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120400/p_150.html>. Acesso em 30 ago. 2011.

BORGES, J. L. *O Enigma da Poesia*. In: _____. *Esse Ofício do Verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BORGES, J. L. Sobre os clássicos. In: _____. BORGES, J. L. Jorge Luis Borges — *Obras Completas: 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

BROWN, Stephen. *Como construir uma grande marca: a magia da marca Harry Potter*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Mini Aurélio Eletrônico*. Rio de Janeiro: Positivo, 2007.

People: J.K. Rowling receives Spain's Concord Prize. Disponível em: <http://staugustine.com/stories/091103/com_1796005.shtml>. Acesso em 30 ago. 2011.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LOBO, Luiza. Estética da Recepção. In: _____ SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de Teoria Literária*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

LUCAS, Fábio. A Literatura, seus porquês, comos e vizinhos afins. In: _____. BRITO, José Domingos (Org.) *Literatura e jornalismo* (Mistérios da Criação Literária, v. 3). São Paulo: Novera, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MIRANDA, André. *Como nasceu e o que vem por aí depois de Harry Potter, o maior fenômeno pop da última década*. O GLOBO online, Rio de Janeiro, 16 jul. 2011 Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2011/07/16/como-nasceu-o-que-vem-por-ai-depois-de-harry-potter-maior-fenomeno-pop-da-ultima-decada-924921149.asp>>. Acesso em 30 ago. 2011.

MONTELEONE, Joana; SEREZA, Haroldo Ceravolo. *A bruxa que criou Harry Potter*. SUPERINTERESSANTE online, São Paulo, ago. 2004. Disponível em: . Acesso em 30 ago. 2011.

MORRIS, Tom. *E se Harry Potter dirigisse a General Electric?: sabedoria de liderança do mundo dos bruxos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

NEAL, Coni. *Os segredos espirituais de Harry Potter: as lições de vida da série de maior sucesso do mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

PELISOLI, Ana Cláudia Munari Domingos. *Harry Potter: um chamado ao leitor*. Porto Alegre, 2006, p.17. Disponível em: . Acesso em 18 mar. 2011.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SMADJA, Isabelle; BRUNO, Pierre. *Harry Potter, anjo ou demônio?* Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2009.

VELLOSO, Beatriz. *A magia de Harry Potter*. Revista Época online, Londres, 181 ed., 05 nov. 2001 Disponível em: . Acesso em 30 ago. 2011.